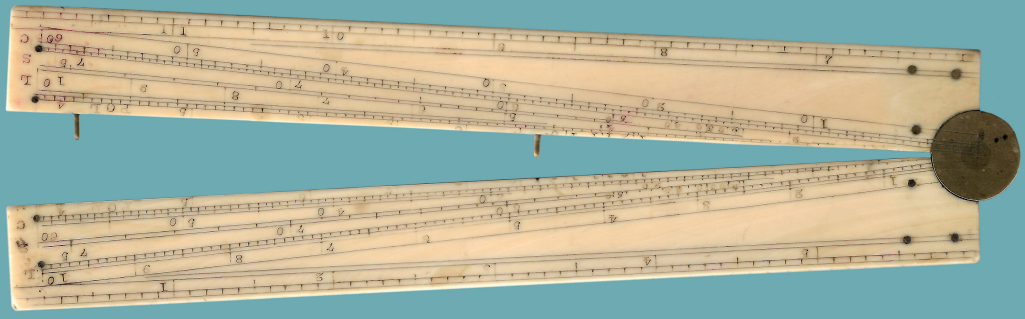
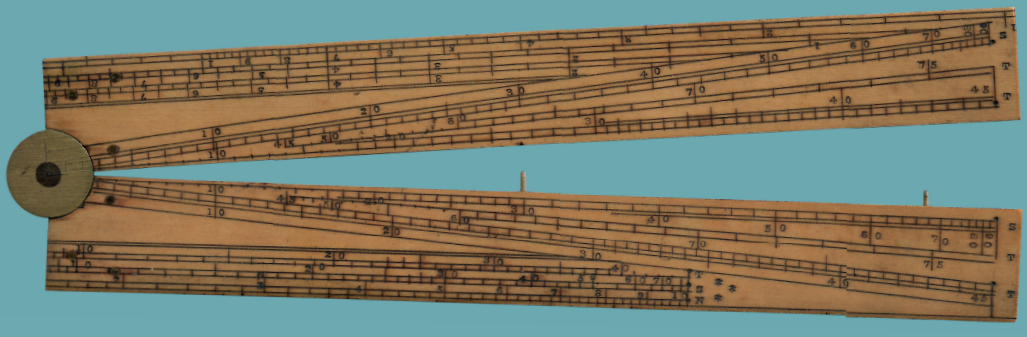
RICARDO ROCHA



LIVROS, LEITURAS E BIBLIOTECAS

HISTÓRIA DA ARQUITETURA E DA CONSTRUÇÃO LUSO-BRASILEIRA





edusp

LIVROS, LEITURAS E BIBLIOTECAS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Vahan Agopyan
Vice-reitor Antonio Carlos Hernandes

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Carlos Roberto Ferreira Brandão

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente Rubens Ricupero
Vice-presidente Valeria De Marco
Carlos Alberto Ferreira Martins
Clodoaldo Grotta Ragazzo
Maria Angela Faggin Pereira Leite
Ricardo Pinto da Rocha
Tânia Tomé Martins de Castro
Suplentes Marta Maria Geraldes Teixeira
Primavera Borelli Garcia
Sandra Reimão

Editora-assistente Carla Fernanda Fontana
Chefe Div. Editorial Cristiane Silvestrin

Ricardo Rocha

LIVROS, LEITURAS E BIBLIOTECAS

HISTÓRIA DA ARQUITETURA E DA CONSTRUÇÃO LUSO-BRASILEIRA

edusp

Copyright © 2020 by Ricardo Rocha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rocha, Ricardo

Livros, Leituras e Bibliotecas: História da Arquitetura e da Construção Luso-brasileira / Ricardo Rocha. – 1. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

ISBN 978-65-5785-003-9

1. Arquitetura 2. Arquitetura – História – Brasil 3. Arquitetura – História – Portugal 4. Arquitetura – Conservação e Restauração 5. Bibliotecas – Brasil – História 6. Leituras 7. Livros 1. Título.

20-46614 CDD-027.009

Índices para catálogo sistemático:
1. Bibliotecas: História 027.009
Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2020

Foi feito o depósito legal

Para meu pai, que, mesmo
partindo cedo, legou-me a
paixão pelos livros.
Para minha mãe, por tudo.
Para minha esposa.

De todas as maneiras de adquirir um livro,
escrevê-lo é a mais apreciável.
WALTER BENJAMIN, "Unpacking My Library"

Uma parte muito importante da atividade
intelectual consiste em lutar pela boa leitura.
PIERRE BOURDIEU, "A Leitura,
uma Prática Cultural"

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS 13
À MANEIRA DE PREFÁCIO 15
INTRODUÇÃO 19

1. *BREAKING THE RULES*: UM LEITOR ANÔNIMO DAS *REGRAS* 35
As *Regras* 42
Breaking the Rule 47

2. LEITURA EM CAMADAS 55
Mousinho de Albuquerque e o *Guia do Engenheiro* 57
Zake Tacla e *O Livro da Arte de Construir* 60
Camadas de Leitura 61

3. *A NOSSA CASA* POR MORALES DE LOS RIOS FILHO 73
Raul Lino 73
Adolfo Morales de los Rios Filho 76
A Nossa Casa 77
Adenda 89

4. ALCIDES ROCHA MIRANDA, LEITOR IDEAL DE *LÚCIO COSTA:*
SOBRE ARQUITETURA 91
Alberto Xavier 92
Carlos Scliar 94
Alcides Rocha Miranda 95
Um Quinto Personagem 97
Sobre Arquitetura por Alcides Rocha Miranda 101
Brasília 104
Adenda 110

5. SOBRE BIBLIOTECAS 119
A Biblioteca da Casa da Anunciada dos Condes de Rio Maior 120
A Biblioteca Zake Tacla 128
A Coleção de Obras Raras do Arquiteto Gerson Pompeu Pinheiro 132
Adenda 139
Arremate 143

EPÍLOGO 145
APÊNDICE 155
REFERÊNCIAS 159

AGRADECIMENTOS

Agradeço às funcionárias e aos funcionários da Torre do Tombo, em Portugal, do Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, e do Instituto Cultural Carlos Scliar, também no Rio de Janeiro, pelo envio de precioso material de consulta.

Em Nova York, além da lendária Argosy Book Store, ao livreiro Richard C. Ramer, sempre gentil em suas respostas.

Aos colegas Andrey Schlee e Samuel Brito por seus depoimentos.

A Edusp, através dos nomes de Carla Fontana e Maria Beatriz Oliveira Rosa.

E, em especial: a Luiz Aquila e a Alberto Xavier por suas informações inestimáveis, e a Hugo Segawa, interlocutor fundamental na fase final deste livro.

À MANEIRA DE PREFÁCIO

O livro é esplêndido.
Em se tratando de um autor brasileiro, uma ocorrência incomum.
Há pouquíssimos artigos sobre leituras, leitores, bibliotecas, quase nada dedicado à arquitetura.

HUGO SEGAWA

Primeiramente, destaco a qualidade do quarto capítulo, bastante feliz na análise material do livro, identificando virtudes em pontos geralmente não considerados ou não percebidos pelo leitor desatento. Quanto ao meu papel no livro, meus agradecimentos pela importância que você atribui a ele.

ALBERTO XAVIER

Foi com emoção que terminei de ler o quarto capítulo.
Essa sensação de ler a seis olhos foi maravilhosa.
Você, através do sublinhado, que também é uma entrelinha, trouxe de volta o meu velho, com quem você conversou tão bem.

LUIZ AQUILA

Acredito que os três comentários anteriores fornecem ao leitor elementos suficientes para, ao modo de um prefácio, indicar o que se pode esperar da leitura deste livro, incluindo pontos de vista diferentes do meu.

Hugo Segawa, tendo lido uma versão inicial completa do trabalho, assinala a sua dimensão historiográfica, em função da escolha do tema (livros, leituras, bibliotecas de arquitetura e construção) e da abordagem (exemplar anotado). Tendo contribuído por meio da leitura e da troca de informações, indicações e depoimento, constituiu-se em um interlocutor fundamental ao final do processo deste livro. Gostaria de assinalar, nesse sentido, a importância, no que diz respeito aos aspectos epistemológicos da historiografia de arquitetura no Brasil, que a leitura de seu livro *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*[1] significou para um então jovem pesquisador recém-formado.

Já Alberto Xavier e Luiz Aquila, tendo se dedicado ambos à leitura do quarto capítulo, oferecem visões complementares. A do historiador paulista, mudando as lentes de observação panorâmica de Segawa para a(s) leitura(s) de um "texto" em particular, aponta, nessa direção, a preocupação com a dimensão material do livro, na senda aberta pela historiografia recente sobre o tema, associada à "descrição densa", isto é, à análise atenta, microscópica, tão cara a historiadores como Carlo Ginzburg. Deve-se lembrar que o historiador gaúcho, paulista por adoção, está se referindo ao próprio livro por ele organizado no início dos anos de 1960, o clássico *Lúcio Costa: Sobre Arquitetura*[2].

Não obstante os comentários de dois nomes fundamentais da historiografia da arquitetura no Brasil, pelos quais nutro uma admiração sincera, as observações de Luiz Aquila constituem uma espécie de prova dos nove. Uma metaleitura, uma leitura da leitura que fiz da leitura que seu pai, o arquiteto Alcides Rocha Miranda, fez de *Lúcio Costa: Sobre Arquitetura*. De modo absolutamente distinto do olhar dos dois brilhantes historiadores, ambos inclusive com ligações afetivas ao assunto tratado no capítulo 4, Luiz Aquila quebra o protocolo imaginado por mim, autor destas linhas, em uma

1. Hugo Segawa, *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*, 2018.
2. Alberto Xavier (org.), *Lúcio Costa: Sobre Arquitetura*, 1962.

leitura própria, bastante singular, que, ao tocá-lo pelo lado afetivo, acabou me emocionando também, despreparado para a capacidade do texto, de pretensões mais científicas do que literárias, de proporcionar esse tipo de recepção.

E talvez seja o suficiente no sentido de propagandear paratextualmente este livro: que o próximo leitor ou leitora trilhe seu caminho e crie seus próprios protocolos.

INTRODUÇÃO

Este é um livro sobre livros. Apesar da revolução digital, aquilo que entendemos como livro sobrevive. Não obstante a tecnologia envolvida em e-books e e-readers, o livro físico continua sendo, para muitos, mais fácil de ler, manusear e anotar. Umberto Eco dizia que "faz alguns milhares de anos que a espécie [humana] se adaptou à leitura. O olho lê e o corpo inteiro entra em ação. Ler significa também encontrar uma posição apropriada [...]. E a forma do livro, estudada durante séculos e ajustada sobre formatos ergonomicamente mais adequados, é a forma que esse objeto deve ter para ser segurado pela mão e levado à correta distância do olho. Ler tem a ver com nossa fisiologia"[1]. Essa materialidade específica, que pressupõe uma forma (retangular ou quadrada, fina ou grossa etc.), uma textura dos papéis empregados, uma qualidade da impressão e das imagens, uma capa e um projeto gráfico, continua a despertar paixões. Uma versão digitalizada de uma edição dos anos 1930 do

1. Umberto Eco, A *Memória Vegetal e Outros Escritos sobre Bibliofilia*, 2010, p. 30.

livro *Fundamentals of Japanese Architecture* (Fundamentos da Arquitetura Japonesa) do conhecido arquiteto moderno alemão Bruno Taut, pode ter acrescentados os mais diversos recursos. Nenhum deles, contudo, conseguirá reproduzir as características do papel *torinoko* da capa, do tipo *fusuma* – com um padrão típico do norte do Japão –, utilizado nos painéis leves deslizantes da arquitetura japonesa; ou do papel *shigarami* do texto – do Japão central –, cujo processo de fabricação envolve branqueamento na neve. Manusear um livro como este é, em si, uma experiência única e irreprodutível, envolvendo o corpo e as sensações de cada um.

Este é um livro sobre a paixão pelos livros, portanto. Certamente também pela busca de conhecimento, mas não só. A constituição de uma biblioteca é a constituição de uma espécie de coleção. Expressa desejos; interesses; projetos; preferências literárias, políticas, por autores etc. Do ponto de vista epistemológico, a ideia de coleção pode ser aproximada daquilo que Jeanne Marie Gagnebin, ao comentar o pensamento do filósofo Walter Benjamin, descreve da seguinte maneira: "os objetos dessa coleta não são anteriormente submetidos aos imperativos de um encadeamento lógico exterior, mas são apresentados na sua unicidade [...] [como] fenômeno... para lhe restituir sua dimensão de objeto... único e irreprodutível"[2].

Os objetos da coleta aqui apresentados, enquanto peças da biblioteca pessoal do autor, possuem essa dimensão única e irreprodutível, como o livro de Taut, não tanto por serem obras esgotadas, raras ou com características especiais, e muito mais por serem exemplares anotados. Umberto Eco chama a atenção para o fato de que "quando um livro aparece, cada cópia dele é por definição intercambiável com qualquer outra cópia, mas, quando começa a desaparecer, é a cópia específica que é procurada por seu caráter de unicidade, ou de raridade. Nesse processo de rarefação, cada exemplar torna-se único pelas alterações que a obra do encaderna-

2. Jeanne Marie Gagnebin, *História e Narração em Walter Benjamin*, 1999, pp. 9-10. O conceito difere da opinião de Umberto Eco, para quem "os colecionadores querem ter tudo o que se pode recolher sobre um certo tema, e o que lhes interessa não é a natureza das peças isoladas, mas a completude da coleção" (Umberto Eco, *op. cit.*, 2010, p. 50). Sobre Walter Benjamin como colecionador, ver "Unpacking My Library", 2009.

dor, do possuidor, do tempo e dos agentes atmosféricos lhe impôs como sinete"[3]. Não tendo sido originalmente reunidos segundo um encadeamento lógico absoluto, existe aqui, entretanto, uma tensão entre a unicidade irreprodutível de cada um destes livros, na raiz da discussão aqui proposta, e a necessidade de algum encadeamento lógico, estrutura e/ou método de análise. Como propõe Roger Chartier "[…] uma história da leitura não pode ser uma coleção de estudos de casos"[4].

Uma biblioteca também é, em algumas situações, um universo de referências cruzadas, entrelaçando vários aspectos como datas, lugares, dedicatórias, redes de amizade e de sociabilidade. Este é um livro sobre (a paixão pelos) livros, mas também sobre leitores, leituras e bibliotecas. A materialidade específica do livro físico, sua capacidade ou abertura em relação à inscrição de datas e lugares, de dedicatórias reveladoras de redes de sociabilidade e de anotações diversas, que estabelecem um diálogo entre o texto de um autor e sua apropriação por um leitor, geram um palimpsesto, uma sobreposição de camadas de informações extremamente rica para historiadores e pesquisadores.

É o que mostra Hugo Segawa em "Bisbliotecar: Intromissão nas Bibliotecas Alheias"[5]. No artigo, o conhecido historiador da arquitetura mostra como a pesquisa em bibliotecas de arquitetos é reveladora de suas possíveis leituras. Mais do que isso, o conjunto de anotações e dedicatórias fornece indícios significativos das redes de influências recíprocas, recepção de obras, contatos interpessoais etc.

Se o ensaio de Segawa já chamava a atenção de certo modo para a importância do exemplar anotado, caso também da reedição fac-similar de *Lúcio Costa: Sobre Arquitetura*[6], em artigo recente,

3. Umberto Eco, *op. cit.*, 2010, p. 61.
4. Roger Chartier, "Do Livro à Leitura", *Práticas da Leitura*, 2011, p. 96.
5. Hugo Segawa, "Bisbliotecar: Intromissão nas Bibliotecas Alheias", 2012.
6. Ver capítulo 4 deste livro. Segundo Olga Medvedkova, "como esses novos estudos têm demonstrado, a descoberta de exemplares que guardam os traços de sua proveniência permite uma melhor compreensão da circulação das formas arquitetônicas tanto em relação a uma obra específica quanto em contextos ampliados, nacional etc. Esse *corpus* é especialmente valioso quando ele é ligado a um canteiro específico, ou mesmo quando se trata de modos de transferência de ideias e formas arquitetônicas de uma cultura

Richard Wittman, ao passar em revista vários estudos no campo da historiografia da arquitetura que dialogam com o universo da história do livro, resume as contribuições desta última da seguinte forma:

> […] o estudo da cultura impressa e da história do livro estava começando a se desenvolver. Emergindo da Escola dos *Annales* nas décadas de 1950 e 1960, por meio dos pioneiros Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, o campo amadureceu nos anos de 1960 e 1970 no trabalho de Elizabeth Eisenstein, que publicou sua *magnum opus*, *The Printing Press as an Agent of Change* (A Imprensa como Agente de Mudança), em 1979. O trabalho trouxe as antigas ferramentas de bibliófilos e antiquários, aproximando-as das preocupações historiográficas mais recentes com as profundas mudanças sociais e epistemológicas, desenvolvendo *insights* sobre alfabetização, oralidade e comunicação, que haviam aparecido anteriormente de maneira mais especulativa em Harold Innis, Walter Ong e Marshall McLuhan. Na década de 1980, projetos como a grande *Histoire de l'édition française* (História da Edição Francesa) codirigida por Roger Chartier e Martin (1983-1986), junto com o trabalho do estudioso estadunidense Robert Darnton, enriqueceram ainda mais o campo, unindo todo o ciclo de vida e de circulação dos livros, em uma abordagem em que o conteúdo, a disseminação, a recepção e a resposta tiveram seu lugar[7].

Do ponto de vista de Wittman, cujo recenseamento se refere principalmente ao mundo francófono, o destaque no campo da his-

para outra" (Olga Medvedkova, "La bibliothèque d'architecture de Pierre le Grand: entre curiosité et passion", 2006, p. 469. Tradução nossa).

7. Richard Wittman, "Print Culture and French Architecture in the Eighteenth and Nineteenth Centuries: A Survey of Recent Scholarship", 2015, p. 114. Tradução nossa). Na verdade, Elizabeth Eisenstein aponta que seu trabalho inicial não estava alinhado com a (nova) historiografia francesa. Ver Elizabeth Eisenstein, *The Printig Revolution in Early Modern Europe*, 2005, nota 3, p. 82 do posfácio. Esta publicação da autora é uma espécie de versão compacta de *The Printing Press as an Agent of Change* (1979). Há uma edição brasileira esgotada, publicada pela editora Ática (*A Revolução da Cultura Impressa: Os Primórdios da Europa Moderna*, 1998). Como contraponto, no prefácio à segunda edição brasileira da obra de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, Marisa Deaecto aponta uma "leitura ansiosa" de Eisenstein com relação ao livro de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin. Ver *O Aparecimento do Livro*, 2017.

toriografia da arquitetura fica por conta de dois congressos organizados pela *École Nationale des Chartes* – Henri-Jean Martin, como Yves Bruand, diga-se de passagem, era um *chartiste* – no início dos anos 2000 e, na sequência, seguidos de suas publicações correlatas, e de outros do Institut National d'Histoire de l'Art, que culminaram nos volumes mais recentes *La construction savante* (A Construção "Sábia"), *Le livre et l'architect* (O Livro e o Arquiteto) e *Bibliothèques d'architecture* (Bibliotecas de Arquitetura). Esses encontros e volumes examinam o período compreendido desde a Renascença até o presente, com abordagens diversas, tratando dos aspectos técnicos e econômicos da criação de livros; das questões relacionadas à sua difusão e recepção; e de tópicos variados dentro da temática da cultura impressa: gêneros, periódicos, diferentes edições, imagens (produção e uso de imagens já publicadas), estudos quantitativos de sumários, resenhas, anúncios, arquitetura das livrarias etc.[8]

Ainda segundo o autor, não obstante o recenseamento de publicações realizado, uma das "mais notáveis [...] tentativas recentes de utilizar as ferramentas da história do livro na história da teoria da arquitetura é a tese não publicada de Fabio Restrepo Hernández sobre

8. Procurando responder o que é um livro de arquitetura, Hyungmin Pai identifica "uma amostra representativa dos gêneros que constituem o campo": textos históricos, tratados, enciclopédias e dicionários, jornais, livros de desenho, guias e manuais de construção, especificações técnicas e catálogos" (*apud* André Tavares, *Uma Anatomia do Livro de Arquitetura*, 2016, p. 16). Em sua análise do acervo de engenharia civil e arquitetura da biblioteca da Escola Politécnica de São Paulo, Leonardo Caramori divide-o nas seguintes tipologias: periódicos, tratados, manuais, monografias, repertórios e catálogos, notícias e relatórios, enciclopédias e dicionários. (*A Biblioteca da Escola Politécnica de São Paulo e Seus Acervos de Engenharia Civil e Arquitetura*, 2015). Para Olga Medvedkova, o livro de arquitetura "abrange agora não só as diferentes edições e traduções de Vitrúvio e os pais da arquitetura dos séculos XV e XVI – Alberti, Vignola, Palladio, Serlio, Scamozzi – mas também as obras gravadas de diferentes arquitetos, as vistas pitorescas dos monumentos excepcionais, os tratados sobre ciências dos quais a arquitetura foi tributária (matemática, geometria, óptica, perspectiva, anatomia); as artes e ofícios correlacionados (jardinagem, decoração, pintura e escultura, ornamentação, alvenaria, carpintaria, serralheria, vidraria etc.); obras de arquitetura militar, obras de direito e administração no campo da construção e do urbanismo (tratados de usos e costumes, de medição etc.)" (Olga Medvedkova, *op. cit.*, 2006, pp. 468-469. Tradução nossa).

Marc-Antoine Laugier e seu *Essai sur l'architecture* (Ensaio sobre a Arquitetura)"[9]. Hernández mostra como o famoso frontispício da obra, realizado a partir de um desenho de Charles-Dominique-Joseph Eisen, resulta da intervenção do editor Nicolas-Bonaventure Duchesne na segunda edição do *Essai sur l'architecture*, na qual a imagem foi incluída para aumentar seu valor de mercado, talvez mesmo sem a anuência de Laugier[10].

9. Richard Wittman, *op. cit.*, 2015, p. 122. Tradução nossa.
10. Fabio R. Hernández, *Ceci est mon testament: Marc-Antoine Laugier*, 2010.

    Na biblioteca do autor, há uma gravura de Eisen para uma edição de 1754 do *Eutropii Breviarium Historiae Romanae* (Breviário da História Romana) de Eutrópio. De modo semelhante ao *Essai sur l'architecture*, publicado um ano depois, ela constitui o frontispício da obra, sendo organizada por diagonais – no *Essai sur l'architecture* existe uma ascendente dos elementos arquitetônicos em primeiro plano, no canto inferior direito, até a construção do outro lado, reforçando o ponto de fuga e sendo reforçada pelo braço estendido da alegoria da arquitetura e a suposição, pelo "leitor", da direção do olhar do *putto* ou gênio. No *Breviarium* também ocorre uma ascendente desde a figura masculina e do *putto* à direita até o cavalo e o camelo à esquerda. Não obstante, a figura que representa Roma se coloca na mesma altura do par cavalo-camelo, no alto de uma diagonal inversa que se inicia em uma mulher de tom de pele escuro, sentada sobre um leão. Nesse sentido, um primeiro nível de leitura é claro: a vastidão do império, representada pelas diferentes etnias e animais, que, por sua vez, ajudam na sua construção – como sugere a paisagem, em obras, vista ao fundo. "Romano, regerás o império dos povos" (tradução nossa), diz a citação da *Eneida* de Virgílio abaixo da imagem, que conta, assim, uma história em mais de um nível.

    Na segunda edição de sua *La Scienza Nuova* (1730), Giambattista Vico oferece um testemunho primoroso da negociação empreendida com os interessados na reedição do livro. Esse testemunho precede e justifica, em relação à primeira edição de 1725, a longa explicação do frontispício que passa, assim, a integrar o volume e "serve de introdução para a obra". Não é o caso de entrar em detalhes aqui, apenas o de observar que, nesse sentido, o pensador italiano parecia ter alguma consciência da necessidade de fixar um protocolo de leitura desse tipo de imagem. Sobre o assunto, ver o texto de Louis Marin sobre uma carta do pintor Nicolas Poussin: Louis Marin, "Ler um Quadro: Uma Carta de Poussin em 1639", em Roger Chartier, *op. cit.*, 2011, pp. 117-140.

    É interessante comparar tais estudos recentes da história da leitura com a tradição interpretativa da história da arte, como no caso das pesquisas iconológicas.

Assim como a historiografia francesa da leitura chama a atenção, ao protocolo de leitura estabelecido pelo autor, ou seja, o modo pelo qual deseja que sua obra seja lida, segundo o perfil de um leitor ideal capaz de entender todas as suas nuances, sobrepõem-se os protocolos de leitura acrescidos pelo organizador, editor e/ou impressor.

Embora mencionada de passagem por Wittman, a pesquisa de Mario Carpo, *Architecture in the Age of Printing* (Arquitetura na Era da Impressão), seguindo de perto Elizabeth Eisenstein e publicada originalmente em italiano no final dos anos de 1990 (com tradução para o inglês no começo dos anos 2000), parece-me tão instigante quanto a de Fabio Restrepo Hernández. A hipótese de Carpo não é a de que a invenção da imprensa por Gutenberg tenha revolucionado a arquitetura, mas a de que permitiu o vislumbre de suas possibilidades por personagens como Sebastiano Serlio. O tratado deste último explora habilmente as possibilidades da tipografia associada às imagens, por meio da xilogravura – lembrando, por comparação, que uma ou duas gerações antes, Leon Battista Alberti ainda escrevia seu *De Re Aedificatoria* (*Da Arte de Construir* na tradução publicada pela editora Hedra) dentro da tradição medieval dos manuscritos e da reprodução por copistas, sem a utilização de imagens[11].

A contribuição mais recente na área, publicada em português e inglês, é posterior, no entanto, ao recenseamento realizado por Wittman. Trata-se de *Uma Anatomia do Livro de Arquitetura* (2016), de André Tavares, ao mesmo tempo autor e editor, uma vez que é o responsável pela editora portuguesa Dafne.

Para Tavares, os livros de arquitetos – diferentemente das monografias sobre suas obras de arquitetura – são meios de intervenção no debate arquitetônico, que fazem uso de efeitos visuais associando texto e imagem. Não obstante tal aspecto, o autor propõe que "o objetivo deste ensaio não é avaliar as táticas editoriais nem analisar o conteúdo dos livros de arquitetura, mas perceber como uma determinada cultura disciplinar foi capaz de os produzir". Certo amadorismo dos arquitetos, como a opção por caminhos não convencionais na edição de livros, poderia ser entendida, na opinião de Tavares, evocando El Lissitzky, pela ideia de que estes seriam

11. Mario Carpo, *Architecture in the Age of Printing*, 2001.

"construtores de livros". Em outras palavras, Tavares procura "demonstrar de que forma os livros de arquitetura deram corpo a um conhecimento específico", propondo a hipótese de que "os livros de arquitetura partilham uma base conceitual comum, tenham sido impressos no século XX ou no século XV"[12].

De uma maneira geral, pode-se dizer que este trabalho e o de Tavares encontram-se em polos complementares[13]: o universo dos acervos e bibliotecas particulares aqui, o de bibliotecas e arquivos institucionais no livro do pesquisador português. Se o foco de Tavares "é o modo como os livros foram usados para dar forma e suporte a ideias de arquitetura – enquanto tentativas de materialização de um conhecimento específico, na mão dos autores, e não como veículos para a disseminação de conteúdos, na mão dos leitores"[14], como lembra Wittman, não obstante, aproximando-se da visão aqui proposta: "está no DNA dos estudos da cultura impressa e da história do livro que o pesquisador deve estar atento não apenas para a produção material e intelectual do livro, mas também para sua divulgação e, se possível, seu consumo pelos leitores"[15].

Em trabalho recente, que trata de passagem do assunto, Petra Brouwer comenta sobre o "público leitor de um novo gênero" de literatura arquitetônica, os compêndios de história da arquitetura mundial de meados do século XIX. Destinados a um público mais amplo, eles adotam um novo, menor e mais econômico formato em relação aos seus predecessores, como o *Recueil et parallèle des édifices de tout genre, anciens et modernes* (Coleção e Comparação de Edifícios de Todos os Tipos, Antigos e Modernos, *c*. 1799) de Jean-Nicolas Durand, incluindo elementos facilitadores da leitura como sumários pormenorizados, índice de lugares, edifícios, arquitetos, elementos e estilos[16]. Dos três compêndios analisados, dois foram escritos por historiadores (da arte) alemães. Nesse âmbito, a

12. André Tavares, *op. cit.*, 2016, pp. 11-13.
13. O mesmo vale para Danilo Matoso, *Biblioteca Brasileira de Arquitetura*, 2017, que aborda outro período com outro enfoque.
14. André Tavares, *op. cit.*, 2016, p. 17.
15. Richard Wittman, *op. cit.*, 2015, p. 123.
16. Petra Brouwer, "The Pioneering Architectural History Books of Fergusson, Kugler, and Lübke", 2018.

autora poderia ter caracterizado melhor a comunidade de sentido a que estes pertenciam, recorrendo a estudos para além da historiografia de arquitetura. De fato, Peter Burke assinala que, no final do século XVIII, no bojo de tentativas de escrever uma história não voltada apenas para fatos políticos e militares, houve certo interesse na Alemanha pela história mundial[17].

Em seu último livro, em parte dedicado à análise da revista de vanguarda argentina *Sur*, Sergio Miceli aponta que "os achados interpretativos dependem da imersão na historiografia do período, para atinar com as condições em que estava sucedendo o trabalho intelectual" – o que definimos aqui como caracterização da "comunidade de sentido" – e continua:

> [...] o manuseio dos exemplares logo se mostrou tão importante quanto a leitura das matérias. Algumas feições inusitadas, que adquiriram peso no desenho da interpretação, podem parecer descabidas no entender dos devotos do pensamento 'puro', assombrados pelo primado do texto em detrimento do que consideram anedótico: as escolhas concernentes à montagem do índice, ao tamanho das seções, ao diálogo entre texto e imagem, ao projeto gráfico[18].

Assim, se "o método benjaminiano [distingue-se] dos empreendimentos dedutivos ou indutivos da história da arte vigente que se esforça em classificar os fenômenos segundo valores de representatividade paradigmática ou de média estatística"[19] optou-se, aqui,

17. Peter Burke, *A Escrita da História: Novas Perspectivas*, 2011. O primeiro livro que poderia ser considerado uma história mundial da arquitetura é o de Fischer von Erlach, *Entwurf einer historischen Architektur* (Esboço de uma História da Arquitetura) (*c.* 1725). Quanto às histórias mundiais, elas diminuem no século XIX segundo Michael Harbsmeier, "World Histories Before Domestication: Writing Universal Histories, Histories of Mankind and World Histories in Late Eighteenth Century Germany", 1989. Nesse sentido, seria interessante averiguar a razão de os compêndios de arquitetura mundial se desenvolverem no momento em que as histórias mundiais declinam.
18. Sergio Miceli, *Sonhos da Periferia: Inteligência Argentina e Mecenato Privado*, 2018, p. 13.
19. Jeanne Marie Gagnebin, *op. cit.*, 1999, p. 13.

por trabalhar na corda bamba. Da "unicidade irreprodutível" de um aporte fenomenológico, de um lado; ao imperativo de algum encadeamento lógico-metodológico de outro, procura-se tecer uma trama que vai entrelaçando as bases da história da construção e da arquitetura com as contribuições da história do livro e da leitura e de outras disciplinas. E assim recursivamente, nas asas da dialógica de Edgar Morin: não necessariamente "representatividade paradigmática", mas também nenhum desprezo por alguma "estatística".

O livro tem uma dimensão espacial, o texto, o protocolo de leitura imaginado pelo autor, as características da impressão; mas também tem uma dimensão temporal primeiramente, a do próprio ato de escrever, incluindo ainda a dos atos de ler e traduzir. Ambas dimensões e seus desdobramentos contribuem para definir o sentido de um texto. Roger Chartier faz notar que

> […] a estética da recepção hesita entre duas perspectivas: seja considerar que os dispositivos textuais impõem necessariamente ao leitor uma posição relativa à obra, uma inscrição do texto em um repertório de referências e de convenções, uma maneira de ler e compreender; seja reconhecer a pluralidade das leituras possíveis do mesmo texto, em função das disposições individuais, culturais e sociais de cada um dos leitores[20].

Para Rafael Eugenio Hoyos-Andrade, contudo, "[…] num texto qualquer podemos distinguir o seu *significado*, em termos da língua em que está redigido; a *designação*, ou 'os objetos' – entidades de primeira, segunda ou terceira ordem: 'coisas', 'eventos' ou 'abstrações' e o *sentido*, o significado que esse texto assume *hic et nunc* em função da sua natureza e das suas circunstâncias". E, continua o autor, um livro impresso em 1600,

> […] oferece-nos fisicamente os mesmos textos que foram nele impressos há quase 400 anos. Obviamente estamos referindo-nos ao significante gráfico dos textos. O que está em jogo é se esses textos, como signos, ou seja, como "significantes portadores de significado", continuam sendo os mesmos. Noutros termos, trata-se de saber se o significado "veicula-

20. Roger Chartier, *op. cit.*, 2011, p. 100.

do" por esses significantes é o mesmo ou, melhor ainda, se esses textos tiveram alguma vez um significado totalmente independente dos seus eventuais leitores/intérpretes/tradutores. Na medida em que todo texto é, mais do que uma entidade física, um processo significativo-comunicativo e que a significação/comunicação supõe um destinatário que acolha, leia, interprete, traduza os significantes pretensamente "portadores" dessa significação, parece óbvio que os textos como signos, como eventos significativos, dependem tanto dos seus significantes (as "palavras" escritas ou pronunciadas) quanto dos seus receptores, na construção do significado que esses textos pretendem veicular[21].

Uma possibilidade de descrição do método aqui adotado[22] seria uma exploração, que procura ser sistemática, do exemplar anotado como fonte de pesquisa – ou, talvez, de uma hermenêutica da leitura. Em termos benjaminianos, a leitura restitui o *hic et nunc* de uma obra, não mais em sua "novidade" quando de sua criação pelo autor, mas em sua unicidade e irreprodutibilidade como re(criação) pelo leitor. O exemplar anotado constitui, assim, um dos meios privilegiados de acesso para uma tentativa de "recuperação" de uma leitura. Se os modos ou "contextos de decifração"[23] das leituras (e

21. Rafael Eugenio Hoyos-Andrade, "Is There a Text in This Class?: Comentário ao Texto de Stanley Fish", 1992, pp. 209-210.
22. Já havia utilizado metodologia similar em estudo, cujo resultado final ainda não foi publicado, sobre a recepção da obra do sociólogo Sergio Miceli pelo historiador Nicolau Sevcenko, a partir da análise de um exemplar anotado de *Nacional Estrangeiro* escrito pelo primeiro e pertencente ao último. Por *e-mail* enviado a mim em 20 de novembro de 2017, Sergio Miceli apontou que o estudo: "logrou um contraste produtivo e consequente em torno de posturas de trabalho intelectual radicadas em experiências pessoais e linhagens acadêmicas distintas. Convence o leitor pelo andamento amigável da demonstração, pela qualidade dos trechos sublinhados, em suma pelo efeito de tornar inteligível um diálogo que estava se dando em surdina, decerto sem muita consciência explícita por parte dos autores postos por você em conversa".
23. E alerta Pierre Bourdieu: "a metáfora da cifra é tipicamente uma metáfora de leitor. Há um texto que é codificado, logo se trata de extrair o código para torná-lo legível. E essa metáfora nos conduz a um erro de tipo intelectualista. Pensamos que ler um texto é compreendê-lo, isto é, descobrir-lhe a chave. Quando de fato nem todos os textos são feitos para serem lidos nesse sentido. Além da crítica dos documentos que os historiadores sabem

nem tanto dos textos) são confrontados com as comunidades de sentido representadas pela história da construção e da arquitetura, a metodologia de análise se ampara nas contribuições da história do livro e da leitura e de outras disciplinas como a sociologia da cultura, a crítica literária ou mesmo a história da ciência.

Umberto Eco, ele mesmo um bibliófilo, lembra que

> O amante da leitura, ou o estudioso, gosta de sublinhar os livros contemporâneos, até porque, à distância de anos, um certo tipo de sublinhado, um sinal à margem, uma variação entre hidrográfica preta e hidrográfica vermelha lhe recordam uma experiência de leitura. Eu possuo uma *Philosophie au Moyen Âge* (Filosofia na Idade Média) de Gilson, dos anos de 1950, que me acompanha desde os dias da defesa de tese até hoje.
>
> […] certa vez adquiri um Paracelso… um só volume da primeira edição da O*pera Omnia* (Obras Completas) compilada por Huser, 1589-1591. […] encadernado em meio couro coevo, com nervuras na lombada, uniformemente escurecido, firma manuscrita no frontispício, todo o volume é permeado de sublinhados em vermelho e preto e de notas marginais coevas, com títulos vermelhos em versalete, e coletânea latina do texto alemão. O objeto é belíssimo de se ver, as notas se confundem com o texto impresso, e muitas vezes eu o folheio com o prazer de reviver a aventura intelectual de quem o assinalou com o próprio testemunho manual[24].

O astrônomo e historiador da ciência Owen Gingerich, por sua vez, em *O Livro que Ninguém Leu*, narra a história de sua pesquisa para a realização de *An Annotated Census of Copernicus'* De Revolutionibus (Um Recenseamento Anotado de *Sobre as Revoluções das Esferas Celestes* de Copérnico), um exaustivo levantamento comentado da localização das primeiras e das segundas edições de

fazer muito bem, há que fazer, segundo parece, uma crítica geral do estatuto social do documento: para que uso esse texto foi feito?" (Pierre Bourdieu, "A Leitura, uma Prática Cultural: Debate Entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier", 2011, p. 234) – e seja permitido citar, não polemicamente, Morin e Bourdieu em uma mesma introdução.

24. Umberto Eco, *op. cit.*, 2010, p. 36-37.

De Revolutionibus (Sobre as Revoluções das Esferas Celestes), de Nicolau Copérnico. Durante seu trabalho, Gingerich percebeu que as cópias mais interessantes da obra de Copérnico são aquelas com anotações de seus donos, principalmente os leitores técnicos – do ponto de vista de um historiador da ciência – cujos exemplares podiam ter sua história e trajetória levantadas. Ele então reuniu informações significativas sobre a recepção da obra de Copérnico, principalmente porque era prática relativamente comum, no século XVI, que estudantes ou mesmo estudiosos de um tema ou autor "comentassem", isto é, anotassem os exemplares mais utilizados por eles[25] – como no caso citado por Umberto Eco. De acordo novamente com Rafael Eugenio Hoyos-Andrade,

> Os textos, especialmente os de natureza não literária mas doutrinária e/ou científica, tiveram ou têm, no momento em que foram ou são produzidos, um determinado sentido em virtude da intencionalidade do autor. Isso achamos que não pode ser negado: que o autor de um texto, particularmente de um texto de natureza doutrinária e/ou científica, deseja veicular um determinado sentido que corresponde à sua intencionalidade criadora de textos. Problema diferente, mas fundamental no assunto que nos ocupa, é saber se o receptor dessa mensagem, não obstante a distância temporal e/ou cultural, terá condições de recuperar o sentido original do texto. Achamos que é obrigação do leitor (quando se tratar de assuntos que não sejam meramente literários) pôr os meios ao seu alcance para conseguir essa difícil recuperação. Para isso serve, entre outras disciplinas, a filologia[26].

O que ele chama de "um determinado sentido em virtude da intencionalidade do autor", a historiografia francesa sobre as práticas de leitura denomina "protocolo de leitura": a maneira pela qual um "leitor ideal" leria, atribuindo sentido, uma determinada obra – e, para tanto, autor e leitor compartilhariam uma mesma comunidade

25. Owen Gingerich, *O Livro que Ninguém Leu: Em Busca das Revoluções de Copérnico*, 2008.
26. Rafael Eugenio Hoyos-Andrade, *op. cit.*, 1992, p. 211.

interpretativa[27], que aqui substituímos eventualmente por comunidade de sentido, pois, muitas vezes, o leitor não interpreta propriamente, isto é, decodifica claramente e sim atribui determinado(s) sentido(s) mais ou menos preciso(s) a leituras, práticas, ações etc.

Discutindo aproximações e diferenças entre a micro-história e a antropologia, Giovanni Levi sugere a possibilidade de utilização de recursos como a "descrição densa" de Clifford Geertz:

> a descrição densa serve, portanto, para registrar por escrito uma série de acontecimentos ou fatos significativos que de outra forma seriam imperceptíveis, mas que podem ser interpretados por sua inserção no contexto, ou seja, no fluxo do discurso social. Essa abordagem é bem-sucedida na utilização da análise microscópica dos acontecimentos mais insignificantes, como um meio de se chegar a conclusões de mais amplo alcance[28].

Da microanálise, por meio de uma leitura atenta e/ou uma descrição densa, à identificação dos protocolos de leitura, passa-se então à discussão sobre os contextos de decifração e as comunidades de sentido, entrelaçando o conjunto dos aspectos possíveis envolvidos, materialidade e conteúdo do livro, circunstâncias da leitura, características do leitor, campos disciplinares, circunstâncias históricas, biografias etc.

O mosaico – termo caro ao pensamento ecológico e complexo – aqui proposto se inicia, assim, com dois títulos afastados do cânone da história da arquitetura. De fato, até mesmo na tratadística da engenharia luso-brasileira dos séculos XVIII-XIX os livros discutidos nos capítulos 1 e 2 se encontram algo deslocados. Além disso, em relação aos seus leitores, alguns destes não só não são "grandes" como, com efeito, são completamente (ou quase) desconhecidos.

Assim, o capítulo 1 analisa uma leitura anônima das *Regras de De-*

27. Em uma comunidade interpretativa "a comunicação se dá dentro de situações e estar numa situação é estar já em possessão de (ou ser possuído por) uma estrutura de pressuposições, de práticas entendidas como relevantes com relação a objetivos e propósitos que já preexistem". Stanley Fish, *Is There a Text in This Class?* 1980, p. 318. Sigo aqui a tradução de Rafael Eugenio Hoyos-Andrade, *op. cit.*, 1992, p. 203.
28. Giovanni Levi, "Sobre a Micro-História", 2011, p. 144.

senho para Delineação das Plantas, Perfis e Perspectivas Pertencentes à Arquitetura Militar e Civil (1793) do capitão Antônio José Moreira, escritas para uso na Real Academia de Fortificação, Artilharia e Desenho de Lisboa, discutindo sua relação com o uso do compasso de proporção – invenção normalmente atribuída a Galileu – e com a tratadística da engenharia militar portuguesa na época.

O capítulo 2 examina, por seu turno, um exemplar do *Guia do Engenheiro na Construção das Pontes de Pedra* (1844), de Luís da Silva Mousinho de Albuquerque, a partir de duas leituras em épocas diferentes, uma "anônima" – realizada por algum membro da família dos condes de Rio Maior – e outra feita pelo engenheiro Zake Tacla para a elaboração de seu dicionário de construção. No que diz respeito aos a(u)tores mencionados, cabe destacar que a figura de Zake Tacla – e seu dicionário – talvez merecessem estudo mais aprofundado. E este parece ser o caso principalmente de Mousinho de Albuquerque, não tanto por seu perfil como polímata, mas por suas contribuições para a engenharia e, mesmo, para a preservação de monumentos em Portugal. Adicionalmente, constituindo uma terceira leitura pelo autor, são fornecidas no texto algumas informações sobre a inserção do *Guia* no conhecimento científico de sua época.

Se os dois primeiros capítulos se enquadram melhor no campo da história da construção luso-brasileira dos séculos XVIII-XIX, os dois seguintes pertencem à história da arquitetura do século XX.

O capítulo 3 discute a leitura realizada por Adolfo Morales de los Rios Filho do livro *A Nossa Casa: Apontamentos sobre o Bom Gosto na Construção das Casas Simples* (1918, na quarta edição de 1923) do arquiteto português Raul Lino, examinando desde a mesma às relações arquitetônicas luso-brasileiras paralelas ao modernismo dos anos de 1930. O papel de Morales de los Rios Filho na arquitetura brasileira da primeira metade do século XX ainda não foi mensurado. Para além de sua defesa da profissão, pistas para tal empreitada são sua participação nas vindas de Le Corbusier e Frank Lloyd Wright ao Brasil, com desdobramentos no panorama ebulitivo do início dos anos de 1930; bem como de outros personagens apenas recentemente (re)estudados, como Eugen Steinhof e, o caso que nos interessa em especial, Raul Lino, personagem cen-

tral nos debates sobre a casa portuguesa, com ressonâncias ainda não totalmente examinadas no Brasil.

O capítulo 4, a partir de um exemplar de *Lúcio Costa: Sobre Arquitetura* que, acredita-se, tenha pertencido ao arquiteto Alcides Rocha Miranda, procura debater como este se aproximou do livro organizado por Alberto Xavier, com projeto gráfico de seu amigo Carlos Scliar. No que diz respeito à comunidade de sentido da qual faziam parte, a figura de Lúcio Costa se destaca, sendo que a de Rocha Miranda e (muitos) outros está ainda por exigir melhor exame. O mesmo acontece com a contribuição teórica – para além, novamente, do próprio Lúcio Costa, ou de outros nomes mais ou menos lembrados como Paulo Santos –, como é o caso do próprio Alberto Xavier, que não apenas estabelece um protocolo de leitura inicial da obra de Costa, como, ao longo de outras publicações, reúne depoimentos, cataloga obras em várias capitais, compila bibliografias etc. Finalmente, permanecendo no mesmo diapasão, há a questão dos nexos com a cultura visual, seja nos anos de 1920-1930 ou 1950-1960, como no caso de Scliar. Nesse sentido, tal comunidade pode ser definida pela ação desse conjunto de personagens – incluindo *Sobre Arquitetura* – em uma espécie de trama, cuja paisagem de fundo é a consolidação do movimento moderno, arquitetônico e artístico, no campo da cultura no Brasil, até a década de 1960.

O capítulo 5, com o título "Sobre Bibliotecas", trata das bibliotecas dos condes de Rio Maior (capítulo 2), em suas transformações ao longo de três gerações, entre os séculos XIX-XX; do engenheiro Zake Tacla (capítulos 2 e 3), concentrada em dicionários e livros técnicos e, ainda, da coleção de obras raras do arquiteto Gerson Pompeu Pinheiro, recentemente leiloada, especializada em perspectiva e com exemplares dos séculos XVI a XIX. Sobre Pompeu Pinheiro, destaca-se que era modernista de primeira hora, tendo sido sócio de Afonso Eduardo Reidy nos anos de 1930. Posteriormente, dedica-se ao ensino na antiga escola, a Escola Nacional de Belas Artes, onde se tornou catedrático de perspectiva.

Finalmente, no epílogo são alinhavadas considerações conceituais de ordem geral e específicas sobre práticas de pesquisa sugeridas pelos cinco estudos, a partir dos instrumentos e conceitos apresentados nesta introdução.

LANÇAMENTO 2019

JÁ DISPONÍVEL

LIVRARIA VIRTUAL

www.edusp.com.br/loja

LIVRARIAS

www.edusp.com.br/livrarias

INFORMAÇÕES

Divulgação Edusp

divulga@usp.br

edusp